

Documentário experimental: teoria, tendências históricas e contemporâneas

Guiomar Ramos*

O conceito de documentário experimental é marcado por uma constante ruptura e reconfiguração das formas tradicionais de representação audiovisual. Desde as vanguardas dos anos 1920 até os filmes militantes dos anos 1960 e 1970, passando pelas inovações tecnológicas contemporâneas, a experimentação sempre foi uma ferramenta crucial para desafiar convenções narrativas e explorar novas maneiras de representar a realidade, levando em conta o impacto da situação histórica sobre essas produções.

A presente edição da *Doc On-line* apresenta o Dossier Temático *Documentário experimental: teoria, tendências históricas e contemporâneas* focado nesse terreno fértil para reflexões sobre a cultura visual. O conjunto de artigos oferece um olhar intenso sobre essa temática, reunindo uma gama heterogênea de conteúdos e de formas de escrita que exploram as tendências das vanguardas no âmbito do gênero documental. Os textos apontam para uma diversidade de momentos históricos dentro do que podemos chamar de cinema documental, abarcando um arco temporal que percorre o séc. XX até o momento atual. Este panorama de práticas inovadoras que rompem com convenções narrativas tradicionais e investigam novas formas de representar a realidade, a partir do que se entende por subjetividade, percepções e abordagens político/poéticas é a prova da importância de se manter vivo o debate em torno do experimental e sua contribuição para o cinema documentário. Rastreado desde a tradição dos movimentos de vanguarda dos anos 1920, especificamente mediante os chamados *avant-docs*, conceito discutido por Scott Mac Donald, avança para o período do pós-guerra, destacando uma mudança significativa nas práticas cinematográficas, anterior às inovações tecnológicas dos anos 1960. Chega aos anos 1990, com o viés subjetivo-autoral da autorrepresentação como construção identitária e desemboca no universo expandido do campo documentário, sobretudo em suas

* Editora convidada para a edição n. 36 da DOC On-line. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. 22290-240, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: guiomar.ramos@eco.ufrj.br, guiomarramos@yahoo.com.br

vertentes do filme ensaio, vídeo-arte, vídeo-instalação. Através da análise filmica, na busca por uma contextualização histórica ou mediante um mergulho profundo no pensamento teórico, os artigos deste dossier estabelecem um paralelo entre o passado e o presente, destacando a continuidade e a evolução da prática do documentário experimental, mostrando como este permanece sendo um lugar propício à inovação formal e a exploração de novas formas de narrativa e representação. A importância deste dossiê reside em ampliar a reflexão sobre o cinema híbrido e sobre a função das novas tecnologias alinhadas à militância política que existiu no século XX. Abrimos este dossier com o artigo de Lucas Murari *Milagre das Flores: a interseção entre vanguarda e documentário no Kulturfilm*. Murari investiga o surgimento do Kulturfilm e sua importância na transformação do cinema da década de 1920. Através da análise do longa-metragem *Milagre das Flores* (1926), dirigido por Max Reichmann, obra que o autor considera fundamental, acompanhamos a maneira pela qual o filme integra elementos experimentais e documentais na criação de uma narrativa completamente inovadora. Destaca como as técnicas cinematográficas utilizadas para registrar os ciclos de vida das plantas contribuíram para a dissolução das fronteiras entre o cinema documental e a vanguarda artística, oferecendo novas perspectivas sobre arte e ciência, quando os ensaios documentais são esvaziados de qualquer presença humana. Renan Chaves no artigo *O som do documentário experimental do Free Cinema: ruptura e tradição*, revela tendências de ruptura, “em um certo grupo de documentários experimentais produzidos e exibidos de forma independente na década de 1950, sob a alcunha de Free Cinema”. Através da análise de filmes e de manifestos desse grupo, Chaves destaca procedimentos sonoros que inovam e contrastam com produções de tradição *griersoniana*, como a utilização de música gravada durante a filmagem, procedimento ligado aos filmes dos anos 1960/70, reconhecidos como modernos pela presença de equipamentos tecnológicos portáteis. Gabriela Almeida, em *A performance como dispositivo de produção do artifício em Lady*, de Ira Sachs nos traz, do contexto dos anos 1990, a importante vivência da atriz e dramaturga lésbica Dominique Dibbell, através da análise do curta-metragem queer *Lady* (1993), do cineasta estadunidense Ira Sachs. Dialogando com Comolli (2008), Brasil (2011), Lopes (2022; 2016) e Sontag (2020), a autora explora a auto-*mise en scène* como uma questão de performance, onde o corpo e a voz de uma mulher nunca identificada integram tanto elementos de ficção no documentário quanto elementos documentais na ficção. Gilberto Alexandre Sobrinho em *Aline Motta: superfícies, arquivos e a expansão do documentário* aborda o documentário contemporâneo brasileiro através do trabalho da artista visual Aline Motta, refletindo sobre o cruzamento entre a videoarte e a videoinstalação. A autorrepresentação como construção identitária (abordada no artigo de Gabriela Almeida), é trazida aqui a partir do universo expandido do campo documentário, onde a ancestralidade dos povos negros é assumida pela artista que incursiona por vários procedimentos de linguagem, com “destreza multimídia, se desdobrando em uma poética vetorizada por recursos materiais de naturezas diversas”. Por fim, para encerrar este dossier, apresentamos a reflexão de Fernão Ramos no artigo *Walter Benjamin e a Flor Azul da a-encenação documentária*, sobre o conceito de *mise-en-scène* no do-

cumentário ensaístico através de uma imersão no pensamento do filósofo alemão, “em particular *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*”. Modos históricos do documentário como a encenação-construída e a encenação-direta, já trabalhados por Ramos em sua trajetória, são realocados junto aos conceitos de aura, inconsciente ótico, mônada e imagem dialética, tematizados por Walter Benjamin, servindo como tipos de uma encenação documentária de caráter experimental que será definida como “a-encenação”.